



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS**

MARIA ELIENE DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NORDESTINA EM
“VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS**

**GUARABIRA-PB
2019**

MARIA ELIENE DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NORDESTINA EM
“VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Área: Literatura Brasileira

Orientador (a): Prof.^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Maria Eliene da Silva.
A representação da mulher nordestina em "Vidas Secas" de Graciliano Ramos [manuscrito] / Maria Eliene da Silva Oliveira. - 2019.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Vidas Secas. 2. Representação Feminina. 3. Sinha Vitória. I. Título
21. ed. CDD B869.3

MARIA ELIENE DA SILVA OLIVEIRA

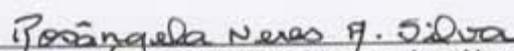
**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NORDESTINA EM
"VIDAS SECAS", DE GRACILIANO RAMOS**

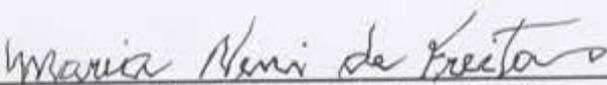
Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

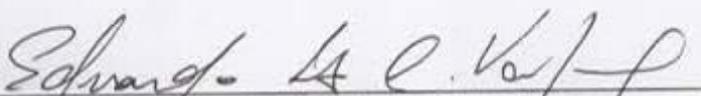
Área: Literatura Brasileira

Aprovado em: 28 / 11 / 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas
UEPB – Examinadora


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
UEPB – Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me fortalecido nessa jornada e permitido que eu concluísse o curso de Letras Português.

A todos que compõem a UEPB, em especial ao corpo docente da referida instituição que contribuiu para o meu desenvolvimento acadêmico.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva por todo apoio e incentivo durante a elaboração do meu projeto de conclusão do curso, a você o meu mais sincero agradecimento.

A minha família que sempre me incentivou na busca dos meus objetivos.

Aos minhas parceiras de UEPB, Evania Soares e Carol Cavalcante, que foram meu alicerce nos momentos de provas acadêmicas. Um agradecimento especial a minha amiga Sandra Maria, que me deu força quando precisei.

A todas as pessoas que encontrei na minha experiência na UEPB, aos que me apoiaram e aqueles que tentaram me desmotivar, aprendi com cada um de vocês. Enfim, meu agradecimento a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse momento fosse possível.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A LITERATURA MODERNISTA.....	9
3. GRACILIANO RAMOS E A CRÍTICA SOCIAL.....	13
4. SINHA VITÓRIA: A MULHER E A SAGA (DES)HUMANA.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar algumas características da personagem Sinha Vitória, do romance regionalista *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Sabemos que a condição do sujeito feminino na sociedade ao longo dos séculos sempre foi adversa e sempre foi repleta de estereótipos que minorizavam sua presença social. No contexto regionalista, por sua vez, isso se torna ainda mais presente, porque unem-se aos estereótipos, a condição do espaço e as adversidades impostas pela seca. Dessa forma, utilizamos os estudos de Bosi (2006), Candido (2000), Manguiera (2017), Perrone-Moisés (1998), Moisés (2000), dentre outros, para fundamentar nossa pesquisa. Percebemos que a personagem Sinhá Vitória representa a própria força da mulher nordestina, que luta pela família e por melhorias. Uma fiel representante das diversas lutas que a mulher precisa enfrentar pela sobrevivência.

Palavras-chave: Representação feminina. Sinha Vitória. Vidas secas.

ABSTRACT

This article intends to show some characteristics of the character Sinhá Vitória from the regionalist novel *Vidas Secas* by Graciliano Ramos. We know that the status of female individual in society over the centuries has always been adverse and has always been replaced by the stereotypes that lower her social presence. In the regionalist context, in turn, this becomes even more apparent, because it does apply to stereotypes, the local condition and the adversity imposed by drought. Thus, it uses the studies by Bosi (2006), Candido (2000), Manguiera (2017), Perrone-Moses (1998), Moses (2000), among others, to support our research. We realize that Sinhá Vitória character represents the northeastern woman's own strength, who fights for her family and for improvements. A faithful representative of the many struggles that women must face for survival.

key words: female representation. your victory. dried lives.

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a relação entre literatura e o estudo do universo feminino como forma de construir e desconstruir paradigmas. O enfoque será a força da personagem feminina exposta no romance *Vidas Secas*, do autor modernista Graciliano Ramos, escrito no ano de 1938.

A narrativa evidencia um cenário de miséria vivenciado durante a seca, no sertão nordestino. A personagem foge da máxima construída por alguns autores que expõem as personagens femininas apenas por duas vertentes: a mulher recatada e submissa ou a mulher infiel; em *Vidas Secas*, a personagem feminina não se enquadra nestas descrições e incorpora novos significados, ainda que implícitas na escrita.

Sinha Vitória é uma personagem cercada de estereótipos sociais, ela é: mulher, cabocla, nordestina e retirante. Tais características a tornam um ser inferior por natureza. Mas, ao conhecer a personagem, o leitor é capaz de observar o que está subentendido nas ações de Sinha Vitória.

A mulher tem seu lugar na literatura a partir dos anos 30, junto com o período modernista, no qual, o maior objetivo dos autores era inovação da nossa literatura, e nada melhor que utilizar a luta pelos direitos das mulheres, entre outros temas, para validar esse processo de transformação cultural. O Brasil passava por um processo de grandes mudanças no âmbito político e social, o que acarretaria em uma nova roupagem também na literatura. Os autores passaram do estagio de romantização das ações sociais para um sistema mais crítico e persuasivo de enxergar a realidade.

Utilizamos uma abordagem descritivista como forma de analisar a perspectiva do autor Graciliano Ramos acerca do papel da mulher na vida social/familiar, na década de 30, através da personagem Sinha Vitória. Nesta obra o autor traz abordagem feminina que nos leva a reflexão sobre o poder que a mulher poder exercer na sociedade, mesmo que seja de forma velada. Nosso trabalho está fundamentando nos estudos de Bosi (2006), Candido (2000), Manguiera (2017), Perrone-Moisés (1998), Moisés (2000), dentre outros autores.

No primeiro tópico, iniciamos tratando sobre um contexto macro do Modernismo, suas características, relação com o momento histórico, principais autores e influências, como também, a importância desse movimento para a literatura brasileira. No segundo tópico, abordamos a vida e obra do autor e suas influências artísticas para a literatura brasileira. Na terceira parte esboçamos as perspectivas e características do personagem, em que identificamos os traços da mulher que se enquadra em uma perspectiva feminista, a sertaneja que conduz uma família em suas dificuldades. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

2 A literatura modernista

O movimento modernista teve início em 1922, com a Semana de Arte Moderna. Foi um período de transição na cultura brasileira, no qual autores brasileiros começaram a se desvincular das ideias europeias, passando a criar uma identidade artística voltada para o contexto nacional, rompendo com estilos passados e buscando uma nova forma de fazer arte. Segundo Bosi:

O que a crítica nacional chama de Modernismo está condicionado por um acontecimento, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como divisor de águas: A semana de Artes Moderna, realizada em fevereiro 1922, na cidade de São Paulo (2006, p. 303).

Apesar de o evento ter recebido várias críticas negativas e também ter sido alvo de censura, nada foi capaz de abalar as tendências de renovação cultural estabelecidas pelo Modernismo, que consistia em reconstruir a cultura brasileira por meio da valorização de elementos nacionais, sob uma base crítica do nosso passado histórico. A *semana* teve como principais idealizadores os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade e o artista plástico Di Cavalcanti, Graça Aranha, entre outros. Graça Aranha além de ser um dos propulsores da Semana de Arte Moderna, foi um importante escritor da fase pré-modernista, autor da renomada obra *Canaã*.

Graça Aranha, empenhado até o fim da vida na teorização de uma estética mais aderente à vida moderna, foi o único intelectual da velha guarda que, a rigor, pôde passar de uma vaga esfera pré-modernista ao Modernismo.” (BOSI, 2006, p.331)

Construir uma literatura genuinamente brasileira não era uma tarefa fácil. Apesar dos idealizadores dessa nova estética ter pensamentos de totalidade, esbararam na diversidade cultural estabelecida em nosso país, construída pela imposição de várias culturas, e o que era para ser uma questão nacional tornou-se uma questão regional, na qual, cada escritor passou a exaltar sua região, nas suas expressões mais íntimas, como analisa Candido:

Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência. (2000, p. 7)

Foi nesse contexto de amplitude que surgiram várias obras e grandes autores, cada um exaltando e expondo as questões de cunho social, na qual estavam inseridos ou acreditavam. O movimento Modernista passou por várias mudanças desde sua idealização, realização da semana e a chamada geração 30. Até porque, era outra linhagem de artistas e outros pensamentos. O que os mantinham unidos era o sentimento de liberdade, de criação e o desejo de romper de vez com a cultura tradicional, fruto da colonização, queriam constituir uma identidade cultural para o país, que se encontrava num momento de urbanização com a primeira república, havia muita influência europeia, e o movimento artístico tomou para si a necessidade de uma cultura própria.

A Semana de Arte Moderna foi um marco na cultura brasileira, pois representou a união das várias tendências de renovação, formando grupos de artistas de diferentes áreas, permitindo uma troca de ideias e de técnicas culturais. A construção dessa nova tendência artística ocorreu de forma gradual. Aos poucos o movimento Modernista foi ganhando força pelo país, através de representações como a Revista Antropofágica e a Revista Klaxon, e também pelos seguintes movimentos: Movimento pau-Brasil, Grupo da Anta, Verde-Amarelismo e pelo Movimento Antropofágico.

Grande parte da herança de produção no campo da literatura, das artes, da música está de alguma forma ligada as experiências obtidas pela arte moderna no decorrer de décadas. Em uma visão ampla, o que marcou o espírito da arte moderna foi o desejo de libertação do passado e a busca por uma nova forma de expressão artística sintonizada com a mentalidade do novo século.

A literatura passou a ser objeto de protesto, no qual os escritores utilizavam da arte para enfatizar as problemáticas existentes na sociedade. Boa parte desses problemas dava-se pela imigração “desordenada” que assolava o Brasil desde a época dos colonizadores. Esse processo de imigração transformou o país, não apenas na variedade cultural, mas também na mistura de etnias.

E é dessa mistura de povos e raças que o Brasil é moldado. E através dessa mesclagem que nasce um dos estereótipos que cercam nossa personagem de análise Sinha Vitória, *cabocla*, (p. 16) como Ramos nos descreve “rosto moreno [...] olhos pretos” (p. 41). Mulher, nordestina, pobre, cabocla, essas são as características físicas e sociais de Sinha Vitória, que por si só já a designam como figura inferior, até perante o seu marido que é um homem branco, de olhos claros e barba ruiva.

Livre dos padrões estéticos tradicionais a literatura brasileira passou a ser uma importante aliada das manifestações humanas que eclodiram no Brasil. O início da República velha comandada pelas Oligarquias do “café com leite”, advento da industrialização e conflitos gerados pela industrialização, são palco das primícias do movimento Modernista.

Para Bosi (2006, p. 306), a primeira fase do Modernismo ou pré-Modernismo “pode ser entendido como tudo que nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural”. Nesse período os autores lutavam pela firmação de um movimento renovador e pela divulgação de obras e ideias modernistas, com o intuito de reconstruir a cultura brasileira e a eliminar definitivamente os traços dos colonizadores. “Nessa fase tentou-se com mais ímpeto que coerência, uma síntese de correntes opostas: a *centrípetas*, de volta ao Brasil real, que vinha do Euclides sertanejo, do Lobato rural e do Lima Barreto urbano.” (2006, p. 305)

Em suas obras defendiam ideias nacionalistas de cunho crítico social. Os nomes de maior destaque nesse período foram: Lima Barreto, Graças Aranha, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manoel Bonfim. Esse período foi marcado por várias obras, grupos, movimentos, revistas e uma nova forma de expressão, resultante na afirmação do movimento modernista e autonomia da nossa literatura.

No segundo momento do Modernismo, os autores já estavam com uma personalidade traçada, com uma renovada força criadora, utilizando a arte como forma de desnudar os problemas sociais que existiam no país. As obras eram apresentadas em sua diversidade regional e cultural, mas com problemas semelhantes em quase todas as regiões: a miséria, a ignorância, exploração, todas decorrentes da desigualdade social que assola o Brasil até hoje.

Os autores passaram a relatar fatos de suas regiões, e o movimento que teve início em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna, tomou conta do Brasil, chegando ao Nordeste como forte explosão cultural, “o Modernismo no Nordeste foi uma realidade poderosa dos anos 30 e 40” (Bosi, 2006, p. 345), foi um movimento forte, pois escancarou a realidade desumana vivida pelo povo nordestino, mas a maior parte daquele povo sofrido não tinha acesso a leitura, o que não foi capaz de trazer uma revolução bem como retratado na obra que tema central desta pesquisa, a leitura e a cultura era acessível sobretudo para a elite.

Foi nessa fase que surgiram grandes nomes de autores nordestinos, que usaram sua arte para expressar a realidade de um povo tão sofrido. Arte como forma de expressão cultural, na qual era exaltado o que tinha de mais simples e verdadeiro no Nordeste, a seca, a miséria, a falta de interesse por parte dos governantes, e o coronelismo muito forte nesse período, o estado de servidão – que era incentivado pelo personagem principal da obra em relação aos seus filhos –, o desgaste da própria terra, que é capaz de expulsar os seus homens para longe em busca de outras oportunidades. Apesar de parecer um ambiente não propício, para a caracterização de grandes obras, tornou-se um ambiente perfeito para a explosão de cultura regionalista da década de 30:

A semana foi um acontecimento e uma declaração de fé na arte moderna. Já o ano de 1930 evoca menos significados literários prementes por causa do relevo social assumido pela Revolução de

Outubro. Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que pretendia superar, e, em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, venceu fundo a nossa literatura lançando-a a um estado adulto e moderno perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescentes. (BOSI, 2006, 340)

A revolução de 1930 fugiu do viés evocado pela semana de artes de 1922, por seu caráter político, mas as questões sociais acabaram por dar embasamento as tessituras destacadas pelos autores em suas obras.

Cada vez mais os autores estavam engajados com as causas sociais e ideológicas que os cercavam, o que levou ao crescimento do regionalismo. Problematizar situações cotidianas (tidas como normais) resultou em grandes romances, com aspectos mais modernos, com uma linguagem renovada, voltada a realidade nacional. Os nomes de maior destaque desse período são: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo.

3. Graciliano Ramos e a crítica social

Como citado no capítulo anterior, Graciliano Ramos (1892-1953) é um dos grandes nomes da segunda fase do Modernismo, também conhecida como a geração de 30. Graciliano Ramos não se dedicou apenas a literatura, o romancista também exerceu papéis no jornalismo e na política. Seus romances são voltados para a crítica social, nos quais podemos destacar: *Caetés*, *Angústia*, *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*.

Preso em 1936, sob acusação de insubordinação ao governo Getúlio Vargas, passou por várias prisões, e foi dessa triste experiência que surgiu o clássico *Memórias do Cárcere*, nessa obra o autor não expõe apenas suas vivências como prisioneiro, e sim, as mazelas sofridas em um período ditatorial em nosso país.

Graciliano Ramos consagrou-se como romancista por sua forma de descrever a realidade social de forma escrachada, expondo o sofrimento daqueles que eram marginalizados pela sociedade burguesa. Segundo Bosi “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. Naquele, há naturalidade entre o homem e o meio; neste, a matriz de cada obra é uma ruptura”. (2006, p. 402), é tanto que no livro *Vidas Secas* há uma

dualidade entre a identificação do personagem Fabiano em se ver ora como homem ora como animal. “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo” (Bosi, 2006, 402).

Envolver leitores em uma obra de cunho social, protagonizada em um ambiente inóspito, e por isso, de fácil aversão por parte da sociedade, requer do escritor um vasto conhecimento acerca do assunto abordado, e principalmente recursos para saber transmitir e despertar no leitor a importância de conhecer uma realidade que não era a do público leitor, uma vez que a obra era acessível por elites de outras regiões com problemáticas diferentes.

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as grandes lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram com isso alcançar uma densidade moral em verdade histórica muito mais profunda. (BOSI, 2006, p. 393)

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos retrata a realidade de uma região de seca e miséria, e todas as dificuldades que estes aspectos trazem para a sociedade. Seus personagens são reais, carregam na face a dor da incerteza e da espera por dias melhores. *Vidas Secas* é uma das maiores obras da segunda fase do Modernismo, e da vida de Graciliano Ramos, nesse romance o autor nos mostra a realidade de uma família de retirantes nordestinos em busca de sobrevivência.

A família é composta por: Fabiano (provedor da família), Sinhá Vitória (esposa de Fabiano), seus filhos e a cachorra (baleia). A história é contada em treze capítulos, que não seguem uma ordem cronológica, portanto, a leitura pode ser feita de forma aleatória. Cada capítulo conta a história de um membro da família, cada um com suas peculiaridades, sonhos ou a falta deles.

No seu percurso de sofrimento e angústia, a família é obrigada a lidar com a arrogância do patrão de Fabiano, que se aproveita da ignorância do empregado para roubar-lhe. Sinhá Vitória tenta alertar o marido, mas esse age de forma submissa às vontades do patrão, e menospreza os sonhos da esposa. Sinhá Vitória representa a força de um povo que mesmo humilhado

não perde a esperança em dias melhores, nos quais ela, Fabiano, o filho mais velho e filho mais novo, teriam uma vida menos sofrida.

No romance *Vidas Secas*, Graciliano Ramos conta a história de muitos Fabianos, Sinhás Vitórias e filhos, que vivem a margem da sociedade, a mercê de patrões ruralistas que visam apenas os lucros, independente daqueles que sofrem, um modelo de neo-escravismo que vigora até hoje com novas roupagens. Nesse contexto vigorava o coronelismo, um sistema político-social de controle de atividade local e dos direitos dos seus servidores, pelos mandatários e grandes proprietários de terra.

4. Sinhá Vitória: a mulher e a saga (des)humana

Na atualidade, é comum falar-se da importância da mulher na sociedade, e de como as mulheres conseguiram espaços nas mais diversas áreas do nosso cotidiano, entretanto, sabemos que nem sempre foi assim. Na antiguidade, por exemplo, as mulheres eram vistas como segundo sexo ou simplesmente seres inferiores, por este motivo não tinha vez, nem voz. Em todas as esferas do mundo socioeconômico vigorava plena divisão sexual, a atuação da mulher estava rigorosamente vinculada e delimitada para a família, para o marido, os filhos e a casa.

A sociedade predominantemente machista na qual estavam inseridas não as via como igual, e sim, como um ser inferior aos homens. Muito já foi questionado sobre o fato, de todos os homens nascerem livres e todas as mulheres escravas, o que nos leva a refletir sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade.

Em determinado período da literatura ocidental, principalmente no século XVIII, ao focar a personagem feminina, o romance oferece-lhe, comumente, o espaço da casa, dando-lhe como papel principal a ocupação do lar e da família. Seu espaço fica restrito ao limitado, ao espaço fechado e privado criando na produção romanesca a ideologia da domesticidade. [...] são mulheres identificadas como mães, genitoras, boas esposas, senhoras exemplares. [...] É nessa representação do feminino que a literatura mantém um diálogo com as práticas sociais dos contextos patriarcais da História humana, recriando em suas páginas práticas sociais que há muitos anos se arraigaram (MANGUEIRA, 2017, p. 36).

No decorrer dos anos, muitas mulheres tentaram se impor socialmente, para mudar essa realidade, mas os homens não admitiam tamanho “desrespeito”. As mulheres foram execradas na sociedade, por serem consideradas um ser perigoso, a própria personificação do mal. Já em 1935, Érico Veríssimo, um dos principais autores do modernismo escreveu sobre a vida de Joana d’Arc, exemplificando a forma como o sexo feminino era encarado, e evidenciava o tom do protagonismo, assim como expresso por Ramos, em suas obras e na sociedade em processo de modernização.

Podemos perceber essa personificação também na literatura, em várias produções literárias a mulher é posta como um produto ou objeto de desejo. Sobressaindo-se apenas pelo lado erótico. Essa imagem se intensificou por muitos períodos, a mulher era vista como produto de tentação para o sexo oposto, isso ocorria por questões sociais e religiosas. A criação de personagens femininas através do olhar masculino, delimitou-as apenas por duas vertentes, a mulher do lar e a mulher devassa.

Nas representações artísticas que seguem o modelo patriarcal, a figura da mulher oscilou em duas categorias tão opostas. Num jogo dialógico, essa postura de representar o feminino como duas faces de uma mesma moeda influencia o modo como as mulheres são vistas no mundo real. (MANGUEIRA, 2017, p. 36).

Diferentemente do que vemos na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que nos apresenta a personagem Sinhá Vitória, uma mulher simples, mas que se mostra forte, capaz de tudo pela sua família. Respeitando as regras impostas pela sociedade de 1930, principalmente no sertão nordestino, nas quais a mulher é personagem coadjuvante e o marido é sempre personagem principal. Sinhá Vitória mostra-se habilidosa e mesmo sem ser intencional a mesma se sobrepõe ao seu marido Fabiano. Neste sentido, podemos apresentá-la como uma mulher do lar, mas que de forma implícita pelo autor, denota o seu desejo de luta e de mudança, de ser protagonista da sua própria história.

Falar de Sinhá Vitória, não é apenas falar de uma personagem, é contar a história de lutas e conquistas das mulheres e se ela conquistou seu espaço na literatura com sua pouca instrução e com sonhos de uma vida melhor, é

porque cabe a cada um que é estigmatizado¹ buscar a realização daquilo que acha justo.

Dentre tantas outras paisagens brasileiras a serem descritas em um romance, Graciliano Ramos resolveu descrever o sertão nordestino, de tal forma que faz os leitores viajarem por essas veredas do nosso Nordeste. A riqueza de detalhes exposta na obra nos mostra a importância da literatura regionalista. É em um cenário de seca e desolamento que Graciliano Ramos conta a história de retirantes nordestinos. A família que busca um lugar em que possam trabalhar, e para tal, passam dias cortando o sol e veredas daquela terra seca, como descrito no trecho a seguir:

NA PLANÍCIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sobra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 1993, p. 9)

É nesse contexto que conhecemos a força de Sinhá Vitória, em meio a tanta miséria ela resolve sacrificar a vida de um dos personagens para saciar a fome da sua família:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida [...] (RAMOS, 1993, p. 11).

Ao matar o papagaio no primeiro capítulo, Sinhá Vitória faz-se ser notada por seu desprendimento e resiliência, mostrando-se uma mulher simples, mas acima de tudo guerreira, que do seu jeito, sem maior presunção é quem conduz sua família. Esse não é único fato pelo qual Sinhá Vitória será notada no desenrolar da narrativa.

Seu marido Fabiano era um homem rude, nutrido pela dureza do sertão, tão rígido quanto aquela terra, da qual não brotava nada. Provedor da sua família por natureza estava acostumado ao trabalho pesado, não demonstrava

¹ Estigmatizado é uma identificação social a partir de características físicas ou conjunturais que enquadram os indivíduos na sociedade.

sentimento pelos seus; sua rispidez com os filhos era nítida. Esse era um ponto de divergência entre o casal.

Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto [...] o menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. [...] _anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, [...] Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas [...] –Anda excomungado. [...] O pirralho não se mexeu e Fabiano queria mata-lo. Tinha o coração grosso. (Ramos, 1993, p. 10)

Apesar de estarem no mesmo ambiente, passando pelas mesmas dificuldades, Fabiano e Sinhá Vitória eram diferentes em questão de sentimentos e cuidados. O autoritarismo de Fabiano para com os filhos dava-se das suas vivências. E como sertanejo calejado pelo sofrimento, queria que seus filhos desde cedo aprendessem ser desprovidos de sentimentos, que os tornariam brutos o suficiente para desenvolver qualquer tipo de trabalho a que fossem designados e principalmente o que tornariam homens capazes de servir aos seus patrões sem nunca questioná-los, ou seja, Fabiano ensinava a seus filhos a arte de obedecer áqueles que fossem detentores de poder, e não enxergava futuro diferente do seu para seus filhos.

Diferentemente do seu marido, Sinha Vitória almejava que seus filhos tivessem uma vida melhor,

Nossa Senhora os livre de semelhante desgraça. Vaquejar, que ideia!” (p.122). A personagem idealizava o dia que a família sairia daquele sertão ela e que seus filhos estariam na escola. “e os meninos frequentariam a escolas, seriam diferentes deles” (RAMOS, 1993, p. 126).

Fabiano via-se mais bicho que homem. Na sua profissão de vaqueiro era capaz de enfrentar qualquer boi bravo, amava as palavras, mas não conseguia administrá-las. Na sua ignorância não almejava uma vida diferente para seus filhos. Seu processo de inferioridade era o resultado da absorção das palavras proferidas por seus patrões.

E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.” (RAMOS, 1993, p. 18)

Ao contrário de Fabiano, Sinha Vitória não acostumava com aquela vida miserável que levavam. Sinha Vitória tinha a imaginação livre que não a deixava acreditar que passaria o resto da sua vida nas veredas daquele sertão. E seus sonhos por mais simples que fossem a mantinha de pé para suportar tamanhas adversidades.

A maior ambição de Sinha Vitória era um dia possuir uma cama de lastro de couro igual a do seu Tomas da Bolandera, mas Sinhá Vitória sabia que seria um sonho impossível de realizar enquanto seu marido vivesse escravizado por seu patrão. *“Pensou de novo na cama varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas”*. (RAMOS, 1983, p.40).

Através da personagem Sinha Vitória, Graciliano Ramos nos apresenta o poder da mulher nordestina, capaz de sonhar e nesse plano dos sonhos, lutar pelo progresso da sua família, nele Sinhá vitória sai do mundo de submissão em que seu marido Fabiano está inserido e passa para um contexto de mudança. Nesse mundo almejado por Sinha Vitória seus filhos teriam direito a educação e a um futuro digno.

Fabiano por sua vez (apesar de não demonstrar), via na sua mulher a sabedoria da qual o mesmo era desprovido e acreditava nos cálculos que sua esposa fazia acerca de seus rendimentos com seu patrão, e mesmo sabendo que esse o ludibriava, faltava-lhe coragem para encarar a tirania do fazendeiro e acabava acatando as contas feitas pelo patrão. “ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros” (RAMOS, 1993, p. 93).

Esse processo de aceitação no qual Fabiano está inserido, é resultado do afunilamento do poder das oligarquias regionais, que obrigavam os homens como Fabiano a trabalhar em subempregos, recebendo salários de miséria.

No capítulo intitulado *Festa*, Sinha Vitória põe sua melhor roupa, seus sapatos de salto, que apesar de lhe apertar os pés e dificulta-lhe a caminhada, a faziam sentir como uma moça da cidade. Era o momento de sair daquele mundo hostil da fazenda e contemplar a vida na cidade, um momento de diversão para a família, mas tudo parecia estranho, principalmente para os

filhos do casal que nada conheciam da vida fora da fazenda, e admiravam-se com aquele outro mundo.

Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. (RAMOS,1993, p. 83).

Em um período histórico marcado pelo patriarcado, no qual o homem é um ser imponente, detentor da razão e as mulheres são excluídas das decisões no âmbito familiar, social e político, Graciliano Ramos nos traz uma personagem forte, capaz de expor uma nova concepção da figura feminina, rompendo os estereótipos a cerca da mulher.

Sinhá Vitória sabe fazer contas, mesmo de maneira rústica, utilizando grãos, ela é mais esperta que o marido, e tenta conduzi-lo pelo caminho do progresso. Ela sai da zona de submissão e passa a gerir as ideias. Desde a morte do papagaio (para aplacar a fome da família) no capítulo Fuga, ao fechar da taramela, no capítulo Mudança, “sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente da taramela” (Ramos, 1993, p.116), podemos perceber que mesmo estando em situação patriarcal, Sinhá Vitória era quem direcionava os caminhos da família.

Não podemos introduzir a personagem feminina do romance de Graciliano Ramos, na perspectiva do feminismo, até porque o ambiente e espaço social que a mesma está inserida não cabe tal denominação. Mas podemos com certeza denomina-la como mulher guerreira que não se deixava contaminar pelo espaço de exclusão que estava submetida, no qual a mesma não plantou raiz. A personagem sinhá Vitória era mais uma retirante na luta diária pela sobrevivência, configura-se como uma representação na literatura de uma entre tantas que carregava poucos bens materiais nas ardentes areias do sertão nordestino, mas com o coração cheio de esperança em dias melhores.

5 Considerações Finais

Levando-se em consideração os aspectos relacionados, podemos inferir que a mulher teve um papel de grande importância para a construção na história da literatura. O protagonismo feminino ocorreu de forma gradual, e tem denotado, mesmo com grandes adversidades, que a mulher vem se distanciando aos preceitos masculinos, lutando e conquistando seu espaço na sociedade.

Pensar na mulher como um ser frágil, incapaz de gerir seus próprios pensamentos e acima de tudo, um ser influenciável por forças obscuras, era retratar a mulher como uma criatura desnecessária a humanidade. A obra de Graciliano Ramos e o personagem de Sinhá Vitória desconstruem alguns desses estereótipos, elucidando-a como um ser forte e guerreiro, capaz de se ressignificar suas lutas, sobretudo enquanto sertaneja e nordestina.

Foi através de grandes mulheres que a história teve seu percurso de desigualdade de gênero alterado, e as mulheres começaram a ter vez e voz. Apesar de tanta resistência feminina para ter seus direitos assegurados essa desigualdade se perpetua através dos séculos, de uma forma velada, mais ainda persistente. Os personagens femininos na literatura são uma forma de tratar essa desigualdade e trazer a representatividade desse sexo nada frágil, dentro do contexto regional e histórico brasileiro em que foi escrita a obra.

Em suma, podemos reafirmar a importância da personagem Sinhá Vitória para a literatura brasileira, uma personagem que veio para desconstruir alguns estereótipos a respeito das mulheres e sua condição diante da sociedade masculinista vigente até os dias atuais. O romance *Vidas Secas* pode ser considerado uma obra atemporal, pois, apesar de grandes conquistas, as mulheres ainda são estigmatizadas no âmbito social, o que nos leva a reflexão acerca do olhar masculino sobre as mulheres, e por que a diferença de gênero interfere de forma tão brusca nas ações dos sujeitos.

Referências

BOSI, Alfredo. ***História Concisa da literatura brasileira***. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Quatro Editor, 2000.

MANGUEIRA, José Vilian. **O sujeito feminino em O Despertar e Riacho Doce**: Um estudo comparativo da obra de Kate Chopin e de José Lins do Rego. – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Modernismo**. São Paulo: Cultrix, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 1983.